



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

  
Ano 2020



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza



Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5

**Editores:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-290-6  
DOI 10.22533/at.ed.906201808

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.  
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

  
**Ano 2020**



## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quinto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as discussões sobre as questões de Gênero, Educação Inclusiva e Sexualidade, em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas à inclusão, sexualidade e gênero. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BARREIRAS - BAHIA	
Raquel Lima Besnosik	
Fábio de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Amilton Alves de Souza	
Damile da Luz dos Santos Ferreira	
Edeilda Souza Gonçalves Viana	
Humberto Cordeiro Araujo Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS	
Viviane Faria Lopes	
Paulo Henrique Mesquita Carneiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
O DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL E BILÍNGUE	
Marlene de Brito Kling Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>62</b>
CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO?	
Geisa Orlandini Cabiceira Garrido	
Maria de Fátima Salum Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>74</b>
APLICATIVO EDUCATIVO PIONEIRAS: O RECONHECIMENTO DAS MULHERES DO BRASIL	
Júlia Braga Marques Pereira	
Mikaele Duarte de Souza	
Frederico Alves Lopes	
Adriana Mara Vasconcelos Fernandes de Oliveira	
Vitória Bispo Umbelino	
Maria Luiza Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
A PEDAGOGIA DE PROJETO FACILITANDO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA EM PRISÕES	
Angela Moraes Cordeiro Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018087</b>	

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>97</b>
A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Dayane Gasparotto Bertoli	
Vanessa Cristina Giangrossi	
Fernanda da Conceição de Lima	
Paula Nascimento da Silva Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018088</b>	
 <b>CAPÍTULO 9 .....</b>	 <b>107</b>
A FUNDAMENTAÇÃO DA EJA COMO PROSPECÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE NA CASA DE DETENÇÃO DE ARIQUEMES	
Preves Santonira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9062018089</b>	
 <b>CAPÍTULO 10 .....</b>	 <b>118</b>
CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES	
Adriano Rogério Cardoso	
Tânia Regina Zimmermann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90620180810</b>	
 <b>CAPÍTULO 11 .....</b>	 <b>135</b>
NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS	
Antônio Ferreira	
Edimara Gonçalves Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90620180811</b>	
 <b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	 <b>146</b>
 <b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	 <b>147</b>

## NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS

*Data de aceite: 03/08/2020*

*Data de submissão: 10/05/2020*

### **Antônio Ferreira**

Doutor em Educação: Currículo pela PUCSP, Mestre em Educação pela PUCPR e Licenciado em Pedagogia pela UTP. Professor Efetivo de Educação Especial do Instituto Federal do Paraná – Campus Paranaguá PR.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2968081306195477>

### **Edimara Gonçalves Soares**

1ª Doutora Quilombola do Brasil pela UFPR, Mestre em Educação pela mesma Universidade e Licenciada em Geografia pela UFSM. Professora de Geografia do Quadro próprio do Magistério do Paraná.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8176016559367424>

**RESUMO:** O presente texto vincula-se a uma pesquisa mais ampla, acerca da modalidade de Educação Escolar Quilombola nas escolas quilombolas do Paraná. O objetivo principal é investigar como as expectativas das comunidades quilombolas em relação a escola e também seu modo de vida se materializam no currículo escolar. Tratamos de analisar a interface dos saberes quilombolas

na composição e organização do currículo escolar. A opção teórica sobre currículo filia-se à perspectiva crítica, por possibilitar questionar e problematizar as formas dominantes de conhecimento escolar, e por defender a formação crítica dos sujeitos e lhes habilitar para intervir e transformar condições ideológicas e materiais de subordinação. Assim, no âmbito da teoria crítica elaboramos indagações centrais sobre: Como as práticas curriculares na escola quilombola podem fortalecer os mecanismos de luta e defesa dos sujeitos quilombolas no campo sociocultural? Que papel assume o currículo escolar no contexto das escolas quilombolas? Ainda, compreendemos o currículo como um “território em disputa” (ARROYO, 2011), um artefato produzido pela humanidade, portanto, histórico, cultural e social (MOREIRA & SILVA, 2003; VASCONCELLOS, 2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** práticas curriculares, escolas quilombolas, educação escolar quilombola.

ON THE SCHOOLS OF A SCHOOL  
CURRICULUM: KILOMBALL SCHOOL  
EDUCATION IN FINE WIR

**ABSTRACT:** The present text is linked to a broader research on the Quilombola School

Education modality in the quilombola schools of Paraná. The main objective is to investigate how the expectations of quilombola communities regarding school and also their way of life are materialized in the school curriculum. We try to analyze the interface of quilombola knowledge in the composition and organization of the school curriculum. The theoretical option on the curriculum is linked to the critical perspective, because it makes it possible to question and problematize the dominant forms of school knowledge, and to defend the critical formation of subjects and enable them to intervene and transform ideological and material conditions of subordination. Thus, in the context of critical theory, we elaborate central questions on: how can curricular practices in the quilombola school strengthen the mechanisms of struggle and defense of quilombola subjects in the socio-cultural field? What role does the school curriculum assume in the context of quilombola schools? Furthermore, we understand the curriculum as a “territory in dispute” (ARROYO, 2011), an artifact produced by humanity, therefore, historical, cultural, and social (MOREIRA & SILVA, 2003; VASCONCELLOS, 2009). **KEYWORDS:** curricular practices, quilombola schools, quilombola school education.

## UM INÍCIO DE PROZA...

Inicialmente queremos explicitar de maneira sucinta o lugar de onde estamos falando, pois entendemos a nossa trajetória reúne elementos que indicam o que queremos prozear. Com inspiração em Bourdieu (1996, p. 81) compreendemos que a trajetória reúne uma história de vida, que “leva em conta a estrutura da rede, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações”.

Guardadas as especificidades de nossas trajetórias de vida, somos educadores, pesquisadores e ativistas da luta quilombola por educação escolar, ambos com mais de nove anos de atuação em diversos espaços institucionais, mantendo sintonia permante com as Comunidades Remanescentes de Quilombos do Paraná.

É envoltos neste universo de resistência que buscamos contribuir através da pesquisa para que as expectativas das comunidades quilombolas em relação a escola e também seu modo de vida sejam materializados no currículo escolar.

Nossa vivência como educadores, pesquisadores e ativistas nos conduziu a outras maneiras de observar o currículo, bem como o surgimento de novas indagações. Desse modo, constituíram-se novas possibilidades de conceber o currículo e suas distintas relações com o saber acadêmico e escolar, ou seja, desenvolvia-se a discussão em torno do currículo em outro patamar de reflexão.

Em outras palavras tratamos de analisar a interface dos saberes quilombolas na composição e organização do currículo escolar.

Por outro lado é mister destacar que foi, a partir do ano de 2000, que o debate sobre quilombos no Paraná começou a ser admitido ou inserido na agenda política do Estado. Paulatinamente a discussão se desdobra para elaboração de políticas públicas, e

a Secretaria de Estado da Educação articula e promove encontros específicos para tratar da educação escolar nos quilombos.

Durante os encontros vão surgindo um rol de demandas trazidas pelos quilombolas, sendo a maior parte voltada aos direitos sociais, dentre os quais destacamos aqui a educação escolar, que atendesse as suas expectativas de vida. Diante disso é que a educação escolar quilombola passou a fazer parte das políticas governamentais e porque não dizer acadêmicas.

Igualmente, importante foi a Lei Federal nº 10.639/2003, aporte jurídico que passou a determinar de modo geral a inclusão da temática Cultura Afro Brasileira e Africana no currículo da Educação Básica.

Trata-se de uma conquista histórica das várias entidades do movimento social negro, mediante os esforços em prol da educação, dado que o currículo escolar sempre ressaltou a população negra relacionada às experiências de inferioridade e subalternidade.

A organização quilombola no Paraná e em vários estados brasileiros reivindicou a necessidade uma educação específica, em seus territórios, essa pauta é amplamente debatida. Assim, atendendo a pauta quilombola de uma política pública escolar, em 2012 foram homologadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

Este documento também apontou elementos que deveriam e devem ser observados no processo de implantação e/ou implementação da políticas públicas educacionais voltadas a população quilombola. O documento destaca entre outros itens, a concepção de educação; princípios; objetivos; etapas e modalidades, projeto político pedagógico, currículo, gestão, avaliação, formação de professores.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nestes tempos, em que se discute em âmbito nacional a implementação de uma base curricular comum, é fundamental incluir nesse debate povos e culturas historicamente ausentes das pautas curriculares. Para tanto, é necessário reconhecer a diversidade étnica/cultural que forma nossa sociedade, e a partir daí criar e efetivar condições estruturais para igualdade e equidade de direitos.

Em cada época e a cada geração emergem novas demandas sociais, que, de uma forma ou de outra, atravessam os portões da escola e desestabilizam os cânones que sustentam e consagram o elitismo cultural, desafiam discursos dominantes sobre povos e culturas historicamente excluídos, silenciados, estereotipados. No entanto, a escola não se prepara para “receber” ou mesmo lidar com as mudanças sociais ou com as demandas emergentes; antes disso, são elas que vão se impondo e exigindo outras posturas pedagógicas, outras formas de olhar e dizer sobre povos e culturas, aqui, destacando os



quilombolas, secularmente ausentes das pautas curriculares.

Assim, a escola vive uma época de desafios, pois a um só tempo é convocada a participar/acompanhar as simultaneidades dos acontecimentos em escala global, visto que as identidades juvenis de milhões de estudantes se constroem tendo como referências os artefatos culturais globais; por outro lado, é convocada para auxiliar na visibilidade, fortalecimento e reconhecimento de culturas locais, que redundam na afirmação do pertencimento identitário a um lugar.

Nesse sentido, a temática que se pretende desenvolver aqui, alude aos entrelaces, aos “entrelugares” do currículo escolar e a Educação Escolar Quilombola, incipiente modalidade de ensino, que traz e/ou reivindica novas tessituras pedagógicas, novas tramas curriculares capazes de explicitar o legado histórico, simbólico e material da negritude quilombola.

Desse modo, a problemática da pesquisa tem como indagações norteadoras: Investigar que papel assume o currículo escolar no contexto da Educação Escolar Quilombola? Como as práticas curriculares nas escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes quilombolas podem fortalecer os mecanismos de luta e defesa dos sujeitos quilombolas?

O foco da nossa proza é evidenciar os desafios e as possibilidades para pensar/construir um currículo escolar tecido **nas** Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) e **com** as CRQs. Diante disso nosso pressuposto é de que não basta somente visibilidade e reconhecimento das diferenças culturais e materiais que compõem as CRQs.

Outrossim, supomos que para entrelaçar a Educação Escolar Quilombola no currículo escolar é necessário perscrutar o que emerge de emancipatório das CRQs e partir daí tecer/criar práticas pedagógicas costuradas aos marcos civilizatórios afro-brasileiros, a memória coletiva e práticas culturais presentes nas CRQs.

Neste sentido, elegemos como objetivo principal investigar como as expectativas das comunidades quilombolas em relação a escola e também seu modo de vida se materializam no currículo escolar. Bem como examinar as possibilidades e os desafios para a construção, desenvolvimento e efetividade de um currículo escolar que entrelace elementos culturais e materiais das CRQs, bem como, analisar a emergência de perspectivas que apontam para emancipação quilombola.

## 2 | METODOLOGIA

No que tange aos caminhos percorridos para compor o artigo, destacamos inicialmente, que essa escrita é fruto de uma pesquisa mais ampla, que vem sendo desenvolvida desde 2011, tendo como centralidade a educação escolar nas CRQs e os diversos desdobramentos, que se manifestam no currículo escolar.

A investigação pediu, dadas suas idiossincrasias, uma pesquisa qualitativa, com

método etnográfico. A compreensão de método que melhor traduz o percurso da pesquisa é aquela que entende o método como o caminho demandado pelo objeto de estudo.

Dessa forma, a primeira trilha percorrida para coleta dos dados foi das notas de campo, feitas durante cursos os eventos de formação continuada para docentes das escolas quilombolas localizados dentro do território quilombola e escolas fora do espaço quilombola, mas que atendem estudantes advindos de CRQs. Ainda, aliada as notas de campo utilizaram-se da observação participante.

E a segunda trilha percorrida foi das entrevistas, realizada com docentes, equipe pedagógica e diretiva das escolas quilombolas e das escolas que atendem estudantes quilombolas. Trata-se de entrevista semiestruturada, orientada para a informação, pois visa circunscrever a percepção e o ponto de vista de uma pessoa numa dada situação.

A técnica de entrevista é considerada, aqui, como “uma prática de pesquisa que pode mostrar os fundamentos reais do que se exprime” (BOURDIEU, 1997, p. 708). Assim, a realidade pode chegar à consciência, “ao preço de um trabalho que vise revelar as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém”.

A técnica não foi utilizada como mero instrumento para compor a pesquisa, como se quem pesquisa “pudesse dispor, independentemente de suas concepções acerca do mundo e das relações entre o sujeito e objeto de pesquisa”, (OLIVEIRA, 1998, p. 21), mas, pelo contrário, compreende que caminha pelo sentido etimológico de *méthos*, junto com os sujeitos da pesquisa.

### **3 | CURRÍCULO E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

A modalidade de Educação Escolar Quilombola é absolutamente contemporânea na legislação educacional brasileira. Emerge como uma reivindicação dos sujeitos quilombolas e paulatinamente se consolida como direito à educação escolar nas Comunidades Remanescentes de Quilombos.

Desta forma, a Educação Escolar Quilombola produz uma outra cartografia da diversidade brasileira, cujo mapa mostra a presença de um grupo étnico –negro e quilombola-, ao longo da história da sociedade brasileira posicionado nas margens, quando não completamente excluído.

Assim, a Educação Escolar Quilombola configura uma política da diferença sem precedentes na história da educação brasileira. Como no entender de Jacques Revel (1989, p. 07) vem, “através de várias aproximações, desenhar uma cartografia inédita na atualidade, reinventando novas figuras do social”.

O desafio aqui é refletir sobre o currículo escolar numa perspectiva de intercâmbios, de hibridizações e recontextualizações com a Educação Escolar Quilombola. Os debates acerca do currículo, de maneira hegemônica, vinculam-se a relação de conhecimento/

poder que tendem orientar as relações sociais entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem (MACEDO, 2006; LOPES, 2005). O currículo, como um artefato cultural sugere o caminho para nos tornar o que somos, dito de outra forma, age na construção da identidade.

De modo amplo compreende-se currículo como um “território em disputa” (ARROYO, 2011), também como um “espaço-tempo de fronteiras entre saberes” (MACEDO, 2006). É um artefato da escola, produzido e articulado às relações históricas, políticas, sociais, culturais e econômicas, portanto, não é fixo e nem neutro.

A extensa pesquisa “*Educação da Relações Étnico-racionais: o estado da arte*” (2018, p.537), no capítulo referente a Educação Escolar Quilombola, indica como conclusão que a “educação escolar quilombola é uma instância em disputa”, e a forma como é negociada, disputada se dá a partir do reconhecimento jurídico alcançado pelos quilombos.

O currículo apresenta disputas das mais diversas em torno do que é considerado legítimo e valioso a ser ensinado, porém, deixe brechas para trocas. Aqui, captamos com base nos autores do campo do currículo que discutem as políticas curriculares (BALL, 2001; LOPES, 2005) um elo teórico que permite interpretar a Educação Escolar Quilombola próximo ao campo interpretativo do currículo, qual seja, das disputas e negociações.

Para Macedo (2011, p.105) o currículo não é um espaço onde culturas travam batalhas apenas por legitimidade, mas também “como uma prática cultural que envolve, ela mesma, a negociação de posições ambivalentes de controle e resistência”. Ainda conforme a autora o “currículo é ele mesmo um híbrido, em que as culturas negociam com-a-diferença” (MACEDO, 2011, p.105).

Na concepção de Dussel (2002) interpretar o currículo, em termos de hibridação oferece novas possibilidades para se refletir sobre a complexidade dos processos culturais, políticos e sociais que o configuram. Assim, o conceito de hibridismo, permite vislumbrar a Educação Escolar Quilombola pelas lentes do reconhecimento, da legitimação e sua efetiva implementação no local a que se destina, qual seja, as CRQs.

O currículo se insere no jogo de poder, no exercício político dos sujeitos sociais. Segundo Silva (1996),

no currículo se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais. (SILVA, 1996, p.23)

A Educação Escolar Quilombola não está dissociada de embates, negociações e disputas, portanto, as relações de causa e efeito entre os dispositivos os legais e a realidade educacional são atravessadas por conflitos e contradições, e é a partir deles que poderá ou não ocorrer a implementação efetiva dessa modalidade de ensino.

A construção do currículo nas escolas quilombolas está imbricada nos processos de

negociação cultural da comunidade quilombola, que visa à produção de novos saberes nos interstícios das propostas e práticas curriculares hegemônicas. As experiências e vivências da comunidade e seus interesses entram em cena no espaço escolar com objetivo de elaborar um currículo que valorize outros modos de conhecer o mundo, isto é, que valorizem no currículo as diferenças culturais. A este respeito Bhabha (2013) evidencia que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais” (BHABHA, 2013, p. 21).

Não podemos ignorar que a escola sempre teve dificuldades para lidar com a diversidade cultural e étnica e com as diferenças. A este respeito podemos evocar Moreira e Candau (2003), ao se reportarem a questão de como a escola lida com a diversidade cultural e étnica, este inferem que a tendência da escola é a de silenciar e neutralizar as diferenças, visto que a homogeneização e padronização conferem uma posição diante da possibilidade de embates acerca das diferenças culturais/sociais/étnicas/históricas. No entanto, “abrir espaço para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que [a escola precisa] [...] enfrentar” (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 161).

Coteja daí que compreender a educação quilombola requer o reconhecimento da identidade étnica, de sua memória, seus símbolos culturais, suas históricas; suas narrativas, em fim seu modo de ser, estar e dialogar com o mundo.

Diante do exposto, entende-se que o estudo das relações entre Comunidades Quilombolas e o currículo escolar é um campo emergente na pesquisa acadêmica, portanto, exige dos pesquisadores novas maneiras de olhar e interpretar os fenômenos sociais que permeiam essas realidades, e, sobretudo formular interrogações que permitam conceber as relações entre comunidades quilombolas e o currículo escolar. Como diz Albuquerque Jr. (2000, p. 119) sobre outras maneiras de construir o conhecimento, é preciso aprender a olhar para o “desenho de bordas, de limites, de fronteiras, que marca e demarca cada corpo, cada pensamento, cada prática, cada discurso”.

Depreende-se daí que os saberes e experiências históricas e socioculturais das comunidades quilombolas, podem e devem contribuir de maneira significativa para uma reorganização curricular que visibilize e afirme a dinâmica e a organização social dessas comunidades.

Neste contexto, é imperativa a reflexão do professor Milton Santos (1996, p. 77) no artigo intitulado “Cidadanias Mutiladas”, sobre os significados de ser cidadão no Brasil e conhecer quem são os cidadãos brasileiros e o que os torna mais ou menos cidadãos? Indaga ainda se a classe média é cidadã nesse país, conclui indagando se os negros são cidadãos no Brasil. Segundo o autor, no Brasil a classe média goza de privilégios, não de direitos, e isso se torna fator impeditivo para que outros brasileiros tenham direitos. “E por isso que no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos, [...], e há

os que não podem ser cidadãos, [...] a começar pelos negros [...]”.

Retomando, a questão central do currículo e a Educação Escolar Quilombola. Percebemos que currículo, cultura e identidade estão implicados de forma permanente em lutas pela afirmação e legitimação de vozes silenciadas, visto que, grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que mantêm os interesses dos grupos hegemônicos.

A partir disso, pensar a construção do currículo nas escolas quilombolas como um artefato híbrido remete a ideia de Pinar (2003) que defende a viabilidade de um processo de hibridização cultural, no qual elementos de diversas origens, pertencimentos e posições sociais hierárquicas se desterritorializam e se reterritorializam. Pinar (2003) ainda utiliza o conceito de “conversa complicada” ou “conversa instigante” para referir-se à convergência das diversas enunciações presentes na comunicação humana, as quais se dirigem para um ponto de encontro comum. Nele, diferentes discursos se encontram, reconhecem-se, e atritam-se e relacionam-se, sem imposição, isto se configura num processo de hibridização.

O fato é que, a construção de uma política curricular para as escolas quilombolas, transita por vários fragmentos da instituição mantenedora, que tem o poder de avaliar e decidir o que pode e o que não pode ser legitimado numa proposta curricular, cujo objetivo maior é reconhecimento, visibilidade, integração entre conhecimentos oriundos de uma cultura historicamente subalternizada, portanto, negada, quando não estereotipada no currículo dito oficial.

O poder central constrói mecanismos simbólicos de legitimação de seus discursos e o faz, especialmente, pela apropriação de discursos legitimados socialmente entre diferentes grupos sociais. Assim, apesar dos múltiplos olhares sobre a proposta curricular, apenas alguns são reconhecidos como legítimos. Como no entender de Bernstein (1996), apenas algumas vozes são ouvidas, enquanto outras são silenciadas. Os sentidos, porém resultam tanto do que se ouve quanto do que é silenciado.

#### **4 | EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DIFERENÇA NECESSÁRIA**

A educação quilombola possui seus vínculos afirmativos ligados às expressões culturais através tradição oral, sendo os contos, lendas, canções e rezas elementos que compõem o tecido da memória coletiva e propicia que a identidade quilombola se mantenha.

Assim, a Educação Quilombola é aquela desenvolvida pelos sujeitos quilombolas nas suas práticas cotidianas, seja, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações das tradições culturais, na relação de sustentabilidade com a natureza, enfim, no modo de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, Brandão (2007) contribui ao examinar a educação a partir de uma Carta escrita pelos índios das Seis Nações, nos Estados Unidos, após assinatura de um acordo de paz. Segundo o autor,

[...] não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. Em mundos diversos a educação existe diferente. [...] Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 2007, p. 09-10).

Ainda, conforme Brandão (2007) as diferentes práticas de educação servem representam uma fração do modo de vida dos grupos sociais, e servem para reproduzir, manter entre todos que ensinam e aprendem,

o saber que atravessa as da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita”. (BRANDÃO, 2007, p.10)

Já a Educação Escolar Quilombola, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, compreendem que Educação Escolar Quilombola é aquela realizada em estabelecimentos de ensino localizados no interior das CRQs, que demandam uma organização curricular em consonância com as singularidades históricas, sociais, e culturais de cada Comunidade.

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2012, p. 01)

No que tange às questões curriculares, o documento enuncia que o currículo da Educação Escolar Quilombola não significa permanecer amarrado apenas ao passado histórico ou fixo no contemporâneo. Significa, sim, buscar conexões entre os tempos históricos, as dimensões socioculturais e a inserção no mundo trabalho. Em suma, a proposta curricular da Educação Escolar Quilombola “incorporará, portanto, conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas em articulação com conhecimento escolar, sem hierarquização” (BRASIL, 2012, p. 01).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados e em consonância com o objetivo central da pesquisa tecemos algumas considerações.

Um dos desafios para desenvolver e efetivar um currículo escolar que entrelace dos



elementos culturais e materiais das CRQs é para além de tonificar o reconhecimento e valorização das tradições culturais/históricas, entrelaçar com os conteúdos disciplinares, com práticas pedagógicas e curriculares que possibilitem aos estudantes se movimentarem pela sua cultura e por outras culturas.

Nesta perspectiva, pensar o currículo escolar entrelaçado a Educação Escolar Quilombola, constitui-se num desafio que exige um olhar crítico e atento para além do reconhecimento e da visibilidade quilombola. É necessário tecer possibilidades para uma “pedagogia das emergências” (SOUZA SANTOS, 2004), criar alternativas pedagógicas com viés emancipatório.

Assim, compartilha-se da concepção de McLaren (1997), que defende enfaticamente que uma reforma curricular se faz por meio da afirmação daqueles que foram secularmente silenciados e oprimidos, portanto, focalizar a Educação Escolar Quilombola de maneira superficial e descontextualizada do currículo escolar pode contribuir para corroborar o discurso do grupo privilegiado/dominante.

Os desafios e as possibilidades para o desenvolvimento e efetivação de um currículo entrelaçado a Educação Escolar Quilombola, perpassa pela integração, hibridização entre os conhecimentos escolares/científicos com os saberes tecnológicos quilombolas, suas formas de produção do trabalho, formas de organização social, estratégias de resistências e defesas, em síntese, os saberes da ancestralidade negra, que se materializa nas CRQs.

Nesse sentido, é imperioso o currículo escolar incorpore os saberes históricos e cotidianos das CRQs, aproxime a escola da vida dos estudantes quilombolas, explique com base nas teorias e conceitos de cada componente curricular sobre sua realidade social e histórica, para que eles possam compreender, questionar e alterar condições de subalternidade.

Como entende Souza Santos (1996, p. 62), “temos o direito a ser iguais, quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.

## REFERENCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Um leque que respira: Michel Foucault e a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, Vera e CASTELO BRANCO, Guilherme (Org.). **Retratos de Foucault**. 1ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BALL, Stephen. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. **Currículos Sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 99-116, jul./dez. 2001.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico, classe, códigos e controle**. Vozes: Petrópolis, 1996.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M de M.; AMADO, J. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. (coord). **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

DUSSEL, Inés. O currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças? In: LOPES, Alice R. C.; MACEDO, Elizabeth (Orgs) **Currículo: Debates Contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Alice Casemiro. Política de currículo: recontextualização e hibridismo. **Currículos Sem Fronteiras**, v. 5, n. 2, p. 55-64, jul./dez. 2005.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço tempo de fronteira. **Revista Brasileira de Educação**, maio/ago. 2006.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 156-168, 2003.

PINAR, William. **I am a man**: the queer politics of race. *Cultural studies – critical methodologies*, v. 2, n. 1, p. 113-130, 2003.

REVEL, J. **A invenção da sociedade**. Lisboa, Difusão Editorial, 1989.

SANTOS, Milton. Cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio. **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1996/1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luiz Heron (Org.) **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA** - Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus VII) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA (UNEB - Campus III). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC), Especialista em Educação Matemática e Licenciado em Matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Foi professor e diretor escolar na Educação Básica. Coordenou o curso de Licenciatura em Matemática e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no Campus IX da UNEB. Foi coordenador adjunto, no estado da Bahia, dos programas Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Participou como formador do PNAIC/UFSCar, ocorrido no Estado de São Paulo. Pesquisa na área de formação de professores que ensinam Matemática, Ludicidade e Narrativas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/UFSCar), na condição de pesquisador e do Grupo Educação, Desenvolvimento e Profissionalização do Educador (UNEB/PPGESA), na condição de vice-líder. É editor-chefe da Revista Baiana de Educação Matemática (RBEM), uma publicação do PPGESA da UNEB em parceria com o Campus VII da mesma instituição e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aplicativo Educativo 74, 75, 77, 80, 83, 84, 85

Aprendizagem 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 53, 56, 58, 59, 60, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 112, 114, 126, 140

### C

Ciências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 34, 35, 40, 44, 51, 59, 62, 72, 73, 78, 90, 91, 146

Currículo intercultural e bilíngue 49, 55, 58, 59

### D

Diversidade dos sujeitos 12, 13, 14, 15, 21, 22, 25, 27, 31, 32

### E

Educação 11, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Educação de jovens e adultos 15, 16, 24, 32, 33, 91

Educação escolar quilombola 135, 137, 140

Educação infantil 11, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 99

Educação Prisional 90, 95, 107, 110, 111

EJA em prisões 86

Ensino 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 126, 133, 138, 140, 143, 146

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 103, 109, 111, 115, 117, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144

Escolas quilombolas 135, 138, 139, 140, 142, 143

### G

Gênero 2, 10, 19, 37, 45, 46, 52, 55, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 109, 112, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Gestão Educacional 107, 114, 116

## H

Histórico de vida 12

## I

Infância 10, 26, 62, 63, 64, 72, 73, 121

Interculturalidade 49, 53, 54

## M

Masculinidade 67, 71, 72, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Mulheres brasileiras 75, 77, 78, 80, 83, 84

Multiculturalismo 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 145

## O

Orientação Sexual 1, 2, 3, 10, 11, 19, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

## P

Paulo Freire 12, 13, 14, 19, 21, 22, 31, 56, 57, 59, 61, 90, 107, 108, 110, 111, 116

Pedagogia de projetos 88, 89, 91, 92, 95

Pedagogia em contextos não escolares 97

Pedagogia Social 33, 97, 98, 102, 105, 106

Pioneiras 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85

Política 16, 17, 32, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 78, 79, 82, 87, 99, 100, 106, 107, 108, 112, 116, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 142, 145

Práticas curriculares 135, 138, 141

Professor 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 20, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 75, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 135, 141, 143, 146

## R

Reconhecimento Feminino 75

## S

Saúde 2, 7, 9, 11, 19, 36, 45, 78, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 63, 64, 72, 73, 77, 122, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Sistema prisional 86, 91, 97, 100, 106

## T

Teoria Pedagógica 107, 116



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 5

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 5

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

**Atena**  
Editora

Ano 2020